

A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 2

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 2

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no âmbito do político e de suas tramas 2 [Recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A educação no âmbito do político e de suas tramas; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-865-6 DOI 10.22533/at.ed.656192312</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Políticas públicas. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.81</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas” foi pensado de modo que pudesse reunir pesquisas sobre educação de diversas partes do Brasil. Fazendo um apanhado de discussões atualizadas e apresentando um conjunto de resultados e experiências inovadoras, visando contribuir com a educação, sobretudo, no âmbito político e suas tramas.

São 122 artigos divididos em 4 Volumes sendo que, **neste Volume 2**, os temas selecionados foram Educação e Inclusão Escolar e Social, Arte e Cultura, Saúde e Educação. São 31 artigos que chamam para um diálogo provocante e construtivo. O índice é um convite a leitura.

No **Volume 1**, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Educação Infantil, Ensino Médio, Educação Superior e Ambiente Virtual de Aprendizagem, totalizando 33 textos inéditos.

No **Volume 3**, são 18 artigos em torno da temática Interdisciplinaridade e 11 artigos relatando propostas e experiências sobre Administração Escolar.

Fechando esta edição, no **Volume 4** trazemos 29 artigos divididos entre as temáticas da Formação Continuada, Formação para a Cidadania, Formação Docente e Leitura e Educação.

Sejam bem-vindos ao e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas”.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL

CAPÍTULO 1	1
A CORRENTE VYGOTSKYANA: UMA RESPOSTA À INCLUSÃO ESCOLAR?	
Rosmarí Deggerone Fernanda Ceolin Teló	
DOI 10.22533/at.ed.6561923121	
CAPÍTULO 2	12
A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UM PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO PELA APROPRIAÇÃO DA CULTURA	
Caroline Andrea Pottker	
DOI 10.22533/at.ed.6561923122	
CAPÍTULO 3	25
A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DISCUSSÃO SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR	
Raphaela Ferraz Figueiredo João Diógenes Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6561923123	
CAPÍTULO 4	37
A ESCRITA DO SUJEITO SURDO: REFLEXOS DA ORALIDADE EM “SINAIS”	
Angela Lemos de Oliveira Christianne Benatti Rochebois	
DOI 10.22533/at.ed.6561923124	
CAPÍTULO 5	53
A FAMÍLIA E A ESCOLA: CONECTANDO SABERES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Marcele Rickes Ana Paula de Almeida Sabrine de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6561923125	
CAPÍTULO 6	62
A INSERÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL NA EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES PARA A EFETIVAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS E A AMPLIAÇÃO DA CIDADANIA	
Júlia Aparecida Costa Martins Flores Thaesa Jesana da Silva Bacellar	
DOI 10.22533/at.ed.6561923126	
CAPÍTULO 7	73
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM ALBINISMO NOS SISTEMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE ASPECTOS DA DIVERSIDADE HUMANA	
Nivaldo Vieira de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.6561923127	

CAPÍTULO 8	86
ALFABETIZAÇÃO PARA AS DIVERSIDADES: UM APONTAMENTO DAS VULNERABILIDADES DENTRO DA ESCOLA	
José Henrique Monteiro da Fonseca Degmar Francisca dos Anjos Jessika Karoliny Ostelony da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6561923128	
CAPÍTULO 9	94
AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA ESCOLA E EDUCAÇÃO EM MEIO AS DESIGUALDADES SOCIAIS	
Andreia Moro Chiapinoto Juciane Severo Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.6561923129	
CAPÍTULO 10	106
DESENVOLVIMENTO INFANTIL DO AUTISTA, BARREIRAS E CONQUISTAS NA INCLUSÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO	
Jaluza das Neves Alves Fernandes Claudete Lima Elisandra da Silva Paz Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.65619231210	
CAPÍTULO 11	112
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: DESAFIOS DE UMA APRENDIZAGEM INCLUSA	
Jéssica De Oliveira Giroto Adriana Maria da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.65619231211	
CAPÍTULO 12	123
INCLUSÃO NA SALA DE AULA: PREMISSA PARA UM MUNDO IGUALITÁRIO	
Sandra Berro Maia Andréa Magale Berro Vernier Alan Pedroso Leite Bárbara Gehrke Bairros Émerson Juliano dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.65619231212	
CAPÍTULO 13	134
O PROCESSO DE TRABALHO DAS ASSISTENTES SOCIAIS NO DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFSM: ESTRATÉGIAS INTERVENTIVAS PARA O FORTALECIMENTO DE UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ E DEMOCRÁTICA	
Thaesa Jesana da Silva Bacellar Júlia Aparecida Costa Martins Flores	
DOI 10.22533/at.ed.65619231213	
CAPÍTULO 14	145
PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL POR MEIO DE JOGO EDUCACIONAL	
Tiago Francisco Andrade Diocesano Carla Diacui Medeiros Berkenbrock	
DOI 10.22533/at.ed.65619231214	

CAPÍTULO 15 159

REFLEXÕES SOBRE A INVISIBILIDADE DO NEGRO NAS ESCOLAS DO CAMPO

Carlos dos Santos Viana
Marcelino Pinheiro dos Santos
Maura Gleide Lima dos Santos
Jussara Tânia Silva Moreira
Diego Pita Ramos

DOI 10.22533/at.ed.65619231215

CAPÍTULO 16 172

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA NA VISÃO DE ALUNOS SURDOS

Renata Aparecida de Souza
Jórcelia Erminia da Silva Carneiro
Cláudia Landin Negreiro
Maria Elizabete Rambo Kochhann

DOI 10.22533/at.ed.65619231216

CAPÍTULO 17 184

SÉCULO XXI: A REDENÇÃO...

Armando Guimarães Nembrí

DOI 10.22533/at.ed.65619231217

CAPÍTULO 18 194

A ARTE MOVIMENTO: CONSTRUÇÕES DE OFICINAS/VIVÊNCIAS NA ESCOLA

Edisio Pereira da Silva Luz Júnior
Joyce Fernandes Prates
Carmem Virgínia Moraes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.65619231218

ARTE E CULTURA

CAPÍTULO 19 207

A TEORIA DA REPRODUÇÃO CULTURAL DE PIERRE BOURDIEU APLICADA A HISTÓRIA DO ENSINO NO BRASIL: DOS PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO ATÉ A DÉCADA DE 1990

Cláudia Regina Paese

DOI 10.22533/at.ed.65619231219

CAPÍTULO 20 221

ATIVIDADES CIRCENSES COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Jarbas Pereira Santos
Daniel Ewerton Mendes
Marilda Teixeira Mendes
Michela Abreu Francisco Alves
Kamila Rodrigues Silva
Ketile Angélica Silva

DOI 10.22533/at.ed.65619231220

CAPÍTULO 21 234

ATOS E AFETOS : CONCEITOS FREIRIANOS AO ENCONTRO DO FAZER TEATRAL DE ARTISTAS DE GRUPOS DE TEATRO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO FORMAL

Barbara Leite Matias

DOI 10.22533/at.ed.65619231221

CAPÍTULO 22	246
DIÁLOGOS ENTRE ENSINO DE CIÊNCIAS E MULTICULTURALISMO: UM LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO NOS ENPECS (1997-2015)	
José Elyton Batista dos Santos	
Dagmar Braga de Oliveira	
Manoel Messias Santos Alves	
Bruno Meneses Rodrigues	
Willian Lima Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65619231222	
CAPÍTULO 23	258
DIMENSÕES DA QUALIDADE EDUCACIONAL NA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: O PROJETO ESCOLA E MUSEU COMO UMA PONTE ENTRE AS FORMAÇÕES ACADÊMICA E CULTURAL COM FOCO EM EQUIDADE	
Priscila Matos Resinentti	
Cristina Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.65619231223	
CAPÍTULO 24	272
EDUCAÇÃO MUSICAL EM ESCOLAS PÚBLICAS: A DIFERENÇAS ENTRE A CULTURA MUSICAL DE ALUNOS E PROFESSORES	
Luanna Aparecida Batista da Fonseca	
Rodrigo Cavalcante da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.65619231224	
CAPÍTULO 25	279
LETRAMENTO CULTURAL: DISPOSITIVO DE DESCONSTRUÇÃO E DENÚNCIA	
Erika Nunes de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65619231225	
CAPÍTULO 26	292
O BEIJU COMO FONTE DE SEGURANÇA ALIMENTAR E FORTALECIMENTO DA CULTURA	
Neuza França da Silva	
Valdinéia Ferreira dos Santos Piasson	
DOI 10.22533/at.ed.65619231226	
CAPÍTULO 27	304
ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL DAS COOPERATIVAS E ASSOCIAÇÕES DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO PERÍMETRO URBANO DE CAMPO GRANDE/MS EM 2016	
Lucimara De Oliveira Calvis	
Airton Aredes	
DOI 10.22533/at.ed.65619231227	
CAPÍTULO 28	318
TRATAMENTO E GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS QUÍMICOS DE LABORATÓRIOS ESCOLARES: CONCEITOS BÁSICOS E NECESSIDADE DE CONSCIENTIZAÇÃO	
Sérgio Giacomassi	
DOI 10.22533/at.ed.65619231228	

SAÚDE E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 29	324
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ALIMENTAÇÃO E HÁBITOS ALIMENTARES DE MORADORES DE CONJUNTO HABITACIONAL POPULAR	
Carmelita Rikelly Santos de Souza	
Elza Francisca Corrêa Cunha	
Elizabeth Lustosa Costa	
Ingrid Stefanny Santos da Conceição	
DOI 10.22533/at.ed.65619231229	
CAPÍTULO 30	338
EDUCAÇÃO E SANEAMENTO BÁSICO: O QUADRO BRASILEIRO E SEUS REFLEXOS SOBRE O ENSINO	
Joanna Ísis Chaves Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.65619231230	
CAPÍTULO 31	350
NOVAS CONCEPÇÕES NA GESTÃO DA ÁGUA: UMA EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS	
Clovis Gorczewski	
Micheli Capuano Irigaray	
DOI 10.22533/at.ed.65619231231	
SOBRE O ORGANIZADOR	363
ÍNDICE REMISSIVO	364

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ALIMENTAÇÃO E HÁBITOS ALIMENTARES DE MORADORES DE CONJUNTO HABITACIONAL POPULAR

Data de aceite: 04/12/2018

Carmelita Rikelly Santos de Souza

Graduanda do curso de Ciências Sociais Bacharelado, membro de Grupo de Pesquisa Desenvolvimento, Saúde e Políticas Coletivas, bolsista COPEs/POSGRAP/UFS – Universidade Federal de Sergipe – rhi@hotmail.com.br

Elza Francisca Corrêa Cunha

Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Prof^a. Departamento de Psicologia/UFS, coordenadora do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento, Saúde e Políticas Coletivas - Universidade Federal de Sergipe – elzafrancisca@gmail.com

Elizabete Lustosa Costa

Mestre, Grupo de Pesquisa Desenvolvimento, Saúde e Políticas Coletivas, professora do curso de Química da Universidade Federal de Sergipe – elustosa02@gmail.com

Ingrid Stefanny Santos da Conceição

Graduanda, Grupo de Pesquisa Desenvolvimento, Saúde e Políticas Coletivas, curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe – ingridstefanny@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta as características sociodemográficas e os hábitos alimentares de uma amostra de moradores de uma comunidade de baixa renda. Foi aplicado um questionário semi estruturado em 24 famílias

e as informações foram tratadas a partir do aplicativo SPSS-20 e pela Análise de Conteúdo. Emergiram cinco categorias: Representação social de alimentação (preocupação com o uso de agrotóxicos nos alimentos); Relação entre alimentos preferidos e consumo diário (alimentos prediletos mais caros, não são consumidos); Consumo semanal de verduras e legumes (de 1 a 3 vezes por semana); Interesse em possuir hortas (encontrado em 98% dos entrevistados) e Avaliação dos trabalhos do grupo de pesquisa (unanimemente positiva). A investigação favoreceu o estreitamento das relações entre os pesquisadores e os moradores e a implantação de hortas caseiras contempla parte das demandas apontadas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade, Hortas verticais, Hábitos Alimentares.

REPRESENTACION SOCIAL DE ALIMENTACION Y HABITOS DE ALIMENTARSE DE MORADORES DE CONJUNTO HABITACIONAL POPULAR

RESUMEN: Este trabajo presenta las características sociodemográficas y los hábitos alimenticios sobre una muestra de moradores de una comunidad de baja renta. Fue aplicado un cuestionario semiestructurado en

24 familias y las informaciones fueron tratadas a través de el aplicativo SPSS-20 y por el análisis de contenido. Emergieron cinco categorías; Representación social de alimentación (preocupación con el uso de agrotóxicos en los alimentos) Relación entre alimentos preferidos y consumo diario (los alimentos predilectos por ser más caros no son consumidos) Consumo semanal de frutas y legumbres (1 a 3 veces por semana) Interés en tener huerta (98% de los entrevistados) evaluación de los trabajos de investigación (unánimemente positiva). La investigación favoreció el relacionamiento entre los investigadores y los moradores y la implementación de huertas de huertas caseras que contempla parte de las demandas.

PALAVRAS CLAVES: huerta vertical , comunidades , hábitos alimenticios

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se às ações de um projeto de pesquisa e extensão universitária, realizado pelo grupo de pesquisa *Desenvolvimento, Saúde e Políticas Coletivas* da Universidade Federal de Sergipe, junto aos moradores de uma comunidade de baixa renda, em Aracaju/SE. Os projetos de pesquisa e extensão têm contado com o apoio das Pró Reitorias de Extensão comunitária (PROEX) e Pró Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa (POSGRAP).

O objetivo da investigação foi conhecer os hábitos alimentares dos moradores de uma comunidade de baixa renda e levantar as informações necessárias à implantação de hortas caseiras no local, além de avaliar as demais ações ali realizadas pelo grupo de pesquisa.

A referida comunidade, segundo os moradores, possui elevado nível de desigualdade social, alta taxa de prostituição, alcoolismo e tráfico de entorpecentes. Entre as atividades que os membros do grupo de pesquisa têm executado junto aos moradores da localidade, desde 2014, incluem-se hortas caseiras e oficinas de desenvolvimento de habilidades sociomotoras com crianças entre dois e doze anos, nas quais têm sido trabalhadas as seguintes aptidões: artísticas (teatro, fotografia, artesanato); motoras (desenho, pintura, massa de modelar, *twister*) e escolares (oficinas de linguagem inglês e português). São desenvolvidos rodas de conversa e grupos com adultos, onde se discutem temas sociais sugeridos pelos participantes, algumas vezes mediados por profissionais convidados, como psicólogos, médicos, dentistas e artistas.

A principal base teórica das ações são os paradigmas da Psicologia Social Comunitária e utilizam-se como parte da metodologia alguns procedimentos da pesquisa-ação.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Alguns conceitos se fazem necessários na discussão deste trabalho, entre os quais destacamos: Representação Social, Comunidade, Desenvolvimento Local e Agricultura Urbana.

Os estudos de Representação Social têm se constituído uma importante área de pesquisas em Psicologia Social e segundo Sá (2015, p. 183) “o termo designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los”. Moscovici, precursor da teoria das Representações Sociais, considerando uma psicossociologia do conhecimento, afirmou que tais representações seriam reduzidas a “uma modalidade específica de conhecimento que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos, no quadro da vida cotidiana” (MOSCOVICI, apud SÁ, 2015 p. 187).

O termo comunidade é conceituado por teóricos como Ferdinand Tönnies apud BRANCALEONE (2008) em oposição à sociedade, sendo o primeiro termo considerado como tradicional e caracterizado pelas relações pessoais e de afetividade, comprometimento moral – de moral e valores compartilhados pelo grupo e de coesão social. Assim, a comunidade é voltada para seu interior, onde predominam os hábitos e costumes e a cooperação, é um tipo de organização que caracteriza grupos, como a família, aldeias e pequenos grupos urbanos. Tönnies (1942 apud BRANCALEONE, 2008) formulou as teorias de sociedade e de comunidade, tendo suas ideias absorvido os pressupostos aristotélicos do homem ser animal gregário. Assim, as ações oriundas das vontades e suas forças, quando no sentido de conservação (ou de ameaça) formariam uma união. Esta, quando configurada predominantemente pela vontade natural, seria caracterizada como comunidade (*gemeinschaft*). Segundo o autor, na comunidade os homens permanecem unidos apesar das separações e na sociedade separados apesar de todas as uniões. Na sociedade, a vontade é considerada como subjetiva, moralmente autônoma, independente e autossuficiente, estando para si em um estado permanente de tensão com as demais, sendo as outras vontades, na maioria das vezes, consideradas atos de hostilidade. Em seus trabalhos, encontra-se a classificação das relações comunitárias: as autoritárias, com base na força da autoridade, representado pelo modelo entre pais e filhos. As de companheirismo, como no relacionamento entre irmãos e as relações mistas, que combinariam as duas formas, típico da convivência entre cônjuges (TÖNNIES, 1942: 54-75, apud BRANCALEONE, 2008).

De acordo com Souza (1996 apud Silva, 2003), os acontecimentos sociohistóricos vêm alterando as relações sociais e, no século XX, os estudos acerca de comunidade tornou-se um complexo problema social devido às mudanças

no cenário urbano industrial. O autor ressalta a importância da comunidade como realidade social de coesão e solidariedade entre os indivíduos, a ser resgatada a partir dos seus núcleos de vivência e existência. Esse processo de desenvolvimento comunitário é um instrumento importante de integração e visibilidade dos interesses fundamentais da comunidade.

O desenvolvimento comunitário para Souza (1993) é um processo pedagógico de ação junto às comunidades, em que se destacam os projetos habitacionais de iniciativas do Estado sobre a população que predominantemente é usuária direta dos seus processos de trabalho. Afirma a autora: “Esses segmentos ou camadas populares são basicamente operários industriais, trabalhadores em serviços, camponeses e massa marginal” (p. 14).

Desenvolvimento Local é definido como um processo que faz emergir do próprio ambiente, o equilíbrio no âmbito de cada comunidade, buscando se situar no contexto social (ÁVILA, 2011). De acordo com este autor, o único meio de chegar ao equilíbrio é através da projeção dos processos de educação, a qual não funciona como projetora, mas reprodutora. Para o autor, tais processos são decorrentes do assistencialismo, os quais são alimentados pela cultura da dependência, que por sua vez reproduzem a cultura da pobreza. É um sistema inibidor e degenerador de iniciativas pessoais e comunitárias em perspectivas a curto e longo prazos. Neste sentido, há uma ligação entre comunidade e desenvolvimento local, sendo a primeira relacionada à territorialidade, havendo necessidade de comunicação entre os agentes internos e externos para que os membros da comunidade se tornem sujeitos do seu desenvolvimento e não objetos, como acontece na maioria das vezes.

Outro conceito cuja inclusão se faz necessário nessa discussão é o de Agricultura Urbana. Este tem sido reconhecido por órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). A agricultura urbana vem consolidando-se e despertando o olhar dos setores ligados à urbanização e gestão pública. O referido conceito acena para espaços dentro das cidades que podem ter algum tipo de atividade agrícola, podendo ser áreas individuais, coletivas ou públicas dentro ou entre os contornos das cidades, incluindo as vias públicas, praças, parques e áreas ociosas como lotes e terrenos baldios.

Para Machado (2002, p. 23) a agricultura urbana é importante fonte de suprimento dos sistemas de alimentação para as populações, podendo-se relacioná-la à segurança alimentar e ao desenvolvimento da biodiversidade uma vez que proporciona melhor aproveitamento dos espaços, manejo adequado dos recursos de solo e água e ainda às questões ambientais por promover a redução no acúmulo de lixo e melhorar a qualidade da água.

As hortas caseiras supõem a produção de alimentos orgânicos com base na agroecologia e entre uma variedade criativa de técnicas utilizadas, a verticalização surge devido à necessidade de espaço no ambiente urbano, pois o mesmo, em geral, possui grande população e pouco espaço para a prática da agricultura tradicional. Neste sentido, este tipo de horta que envolve a reciclagem de materiais orgânicos e inorgânicos, como garrafas pet, adubos orgânicos feitos com resto de alimentos, favorecem a criação de uma consciência socioambiental dos envolvidos. Estes tipos de hortas verticais são estruturas leves, fáceis de serem construídas e manuseadas, de baixo custo e possibilitam o plantio de temperos, ervas e hortaliças, como o coentro, a salsa, a rúcula, a cebolinha, a alface, o tomate cereja, entre outros usados na culinária brasileira. Estas são ideais em locais nos quais o espaço é limitado e há consumo desses alimentos. Um dos seus principais objetivos é aproveitar o espaço de plantação, sendo sua característica mais acentuada a possibilidade de ser pendurada em estruturas verticais, como nas paredes ou muros das casas. Neste caso, a tecnologia de horta vertical se encaixa perfeitamente na realidade de grande parte das comunidades de baixa renda, como na comunidade alvo desta investigação (IDDS, 2012).

A construção de hortas verticais caseiras é um incentivo para o desenvolvimento de uma rotina alimentar de autoconsumo especialmente nas famílias das comunidades de baixa renda. Elas possibilitam o conhecimento sobre a origem dos alimentos, o seu significado, a importância de uma dieta saudável e ainda promovem o acesso aos alimentos dentro e no entorno das moradias (SILVA, 2004).

Os membros do International Meeting of Design for a Social Development (IDDS) realizaram em 2012, uma experiência na comunidade de Dois Palitos, Embu das Artes, em São Paulo, que em conjunto com os moradores implantaram um sistema de hortas caseiras verticais nas casas. O experimento *Fomento à Agricultura Urbana* possibilitou aos moradores plantarem seus alimentos em um espaço restrito com um sistema de simples composição e manutenção. Entre algumas vantagens dessas hortas, o documento produzido pelo mencionado grupo apontou: diminuiu o custo dos alimentos consumidos; melhorou a qualidade dos alimentos e a nutrição das famílias; aumentou a diversidade dos alimentos e conseqüentemente das refeições; proporcionou entretenimento tanto para adultos como para as crianças e ainda tornou o ambiente mais alegre e bonito.

Neste trabalho o conceito de educação ambiental se relaciona à busca da desconstrução do discurso da modernização e à recuperação do sentido comunitário, por meio da construção de coletivos de ações ambientais. Segundo Leff (2002), frente ao processo de globalização, regido pela racionalidade econômica e pelas leis de mercado, está emergindo uma política do lugar, das diferenças, do espaço

e do tempo, que centralmente traz os direitos pelas identidades culturais de cada povo e legitimando regras mais plurais e democráticas de convivência social. É uma política do ser, que valoriza o significado da utopia como direito de cada comunidade para forjar seu próprio futuro.

METODOLOGIA

Na pesquisa foi construído um questionário semiestruturado com vinte questões, distribuídas em quatro temas: identificação, alimentação, hortas caseiras e avaliação dos trabalhos que o grupo de pesquisa e extensão desenvolve na comunidade. O instrumento foi aplicado em vinte e quatro moradores da localidade. A primeira parte do instrumento investigou as características sociodemográficas e a segunda focou os hábitos alimentares das famílias. Os moradores foram abordados em suas residências e após a explicação dos objetivos da pesquisa, eles assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As informações obtidas na primeira parte do instrumento (objetivas) foram tratadas a partir do aplicativo SPSS-20. As respostas da segunda parte (subjetivas) foram tratadas pela técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Variáveis	Níveis	Freq. ou Média	% ou Dp
Endereço/Rua	A	6	25,0
	B	7	29,2
	C	2	8,3
	D	9	37,5
Sexo	Masculino	4	16,7
	Feminino	20	83,3
Idade	0	38,5	Dp.= 13,74
Tempo de anos estudados	0	5,0	Dp.= 3,68
Número de residentes/casa	0	4,7	Dp.= 2,37
Número de crianças residentes/casa	0	1,6	Dp.= 1,71
Número de adultos residentes/casa	0	3,1	Dp.= 1,51

Tabela 1: Características Sociodemográficos de Moradores

De acordo com a tabela 1, do total de 24 questionários aplicados, 83% foram respondidos por pessoas do sexo feminino e 17% do sexo masculino. As ruas da

comunidade foram identificadas por letras (A; B; C e D). Observou-se que 25% das pessoas entrevistadas moram na rua A; 29% na rua B; 8% na rua C e 38% na rua D. A idade média dos entrevistados foi 38 anos e o tempo médio de estudos foi cinco anos. De acordo com os dados, foi encontrado uma média de 5 moradores por casa.

Corrêa-Cunha, Melo e Militão (2014), realizaram um levantamento sociodemográfico com 23 famílias nessa comunidade e focando outras variáveis concluíram que o tempo de moradia das famílias entrevistadas variou de menos de um ano a mais de trinta anos, sendo que o maior número de famílias mora no local entre cinco e dez anos. A renda familiar média foi 1,3 salários mínimos referência e muitos respondentes afirmaram viver com menos de um salário. Segundo as autoras o número de empregados era maior que o número de desempregados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das respostas dos questionários emergiram cinco categorias, a saber: *Representação social de alimentação, Relação entre alimentos preferidos e consumo diário, Consumo semanal de verduras e legumes, Interesse em possuir hortas caseiras e Avaliação dos trabalhos do grupo de pesquisa.*

No que se refere às informações relacionadas às questões objetivas do questionário, pode-se observar que: 62% dos entrevistados afirmaram que já conheciam as hortas caseiras e 37% não conheciam ou não souberam informar. Segundo as respostas dos participantes 75% demonstraram vontade de possuir hortas em suas residências e 25% responderam que não queriam ou não poderiam possuir hortas.

Representação social de alimentação – Esta categoria foi definida a partir das falas dos entrevistados ao relatarem o que eles entendiam por alimentação. Os depoimentos revelaram a dificuldade na compra de alimentos; a importância de uma alimentação saudável, que inclui higienização dos alimentos a serem consumidos; a necessidade de adquirir produtos isentos de insumos químicos. A este respeito, pode-se observar que os entrevistados expressaram a preocupação com o uso demasiado de agrotóxicos em alimentos comercializados nos supermercados e seus conhecimentos sobre alimentos saudáveis, como demonstram as falas abaixo:

É tão caro esse tomate, lá no interior é tanto mulher! quando eu vou, eu trago os vasos, ele brota por ele mesmo, e aqui é tão caro no [Supermercado] um tomatinho tão pequeno, lá tem tantos mulher, na semana passada minha irmã foi aí trouxe, pense! que ela trouxe foi tantos, expreme e coloca nas comidas, humm... é tão gostoso! (S1).

Porque hoje as coisas, essas verduras é tudo com aqueles remédios que botam né? E aquelas coisas que a gente planta em casa eu acho mais saudável do que comprada, porque a gente vê cada tomatão, cada peção de alface, ai cada

pezão de alface, aí eu digo: pode ficar aí. Quando eu vejo aquele bem feinho é aquele que eu gosto porque os tomate os tomatão grande é diferente (S2).

É bom para saúde, uma alimentação saudável só plantando mesmo porque o que compra na rua vem com venenos (S8).

A gente tem que se alimentar bem, que é importante (S10).

As representações sobre alimentação ressaltam a saúde, os alimentos tratados por agrotóxicos e a diferença destes com os orgânicos. Segundo os teóricos das Representações Sociais, as explicações do cotidiano, não são apenas opiniões ou atitudes em relação aos objetos sociais. Nos comentários estão envolvidos combinações de diferentes escopos e objetos, que correspondem a “uma lógica própria, com estrutura globalizante de implicações, para qual contribuem informações e julgamentos valorativos colhidos nas mais variadas fontes institucionais e em experiências pessoais e grupais” (SÁ, op.cit., p.189). Nesta perspectiva, os conceitos e as afirmações são “verdadeiras teorias do senso comum, ciências coletivas suis generis, pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades sociais” (MOSCOVICI, apud SÁ, op.cit., p.48).

De acordo com a Lei Nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, que criou o Sistema Nacional de Segurança Alimentar (BRASIL, 2006), a alimentação adequada é direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população. Entretanto, o baixo poder aquisitivo de famílias de baixa renda é uma realidade, sendo que a comunidade participante desse estudo retrata esta realidade e convive permanentemente com a insegurança alimentar por não disporem, os seus moradores, de acesso regular a alimentos saudáveis e em quantidades suficientes. Estas famílias não dispõem de renda suficiente para manter uma rotina de hábitos alimentares que promova a saúde dos seus membros e ainda são insuficientes as políticas públicas direcionadas às populações carentes, que viabilizem a diversidade cultural e ambiental e que são socialmente sustentáveis.

Relação entre Preferência Alimentar e Consumo Diário - Categoria que surgiu a partir da discrepância entre as respostas relacionadas às preferências alimentares e o consumo dos alimentos mencionados como favoritos. Observou-se que há uma disparidade entre os alimentos que são preferidos e o seu consumo, ou seja, os alimentos prediletos que são de maior valor aquisitivo, não são consumidos pelas famílias. Como indicam as falas abaixo:

Preferência Alimentar	Consumo Diário
macarrão, carne e biscoitos (S1).	arroz e feijão (almoço) pão (jantar) (S1)
carne, frango, peixe, suco de frutas (S2).	feijão, arroz e ovos (S2).

Tabela 2: Relação entre Preferência Alimentar e Consumo Diário

Segundo Carneiro (2003), a alimentação possui um caráter para além do biológico, é um sistema complexo que abrange o econômico, social e o cultural, por tanto a necessidade e o desejo andam paralelos na construção dos hábitos alimentares, logo, a definição exata entre desejo e necessidade apresenta-se como uma temática polêmica na história de Ética e da Filosofia, que se refere às questões a respeito da regulamentação do prazer, do luxo e do ascetismo. Os hábitos alimentares e suas mudanças tornam-se fonte de investigação para a sociologia da alimentação, a partir da intensificação comercial, advento de novas tecnologias de produção, distribuição e consumo, ampliação de novos hábitos homogeneizados pelas grandes cadeias de lanchonete *fast food*. Este autor relaciona os gostos culinários com a classe social das pessoas. Eis o que ele afirma:

As relações entre culinária e as classes sociais podem ser identificadas nos gostos diferenciados ou nas maneiras à mesa, as identidades étnicas e regionais revestem-se de diversos rituais gregários e alimentares, particularmente entre emigrantes ou expatriados, os restaurantes podem ser analisados como espaços simbólicos, caracterizados como “teatros de comer”, e estratificados em torno de posições sociais tanto quanto de cardápios específicos (CARNEIRO, 2003, p. 19).

Consumo Semanal de Hortaliças - Esta variável se relacionou com a rotina alimentar dos entrevistados. Em suas falas, eles manifestaram a falta de recursos para obter alimentos e manter uma dieta saudável, dificultando assim, o acesso aos alimentos preferidos. O consumo semanal de hortaliças varia entre 1 a 3 vezes por semana e as hortaliças mais consumidas são: batatinha, cenoura, alface e tomate, como nos seguintes depoimentos

Eu gosto de verdura, verdura tem que ter todo dia, carne eu não faço questão, mas tendo verdura. Cenoura, repolho, chuchu, couve, batatainha, tudo né? (S8).

De vez em quando uma vez por mês, porque uma pessoa só para sustentar todo mundo é osso (S9).

A gente não é muito de falar de alimentação porque a gente não tem uma alimentação muito boa a gente não liga. A gente come qualquer coisa, a gente não é aquele povo que come saudável, verdura, a verdura é essa, mas a gente sabe porque a gente já fez academia, já passaram pra gente que a gente tinha que comer umas coisas diferentes, mas a gente não gosta de verdura, a verdade é essa, eu não posso falar, meus meninos mesmo não gostam é um trabalho para eles comer, a gente faz mas eles não gostam não, eu como pouco, mas como

(S11).

A gente come muita fritura. Na hora do almoço a gente come batata frita arroz, feijão, carne ou empanado, peixe torrado no caso, salada também de vez em quando a gente faz (S20).

Pode-se observar que embora os participantes tenham noção do que seja alimentação saudável, eles não põe em prática e uma das falas denuncia que quando apresenta uma refeição mais saudável, a família não gosta. No Brasil os hábitos alimentares dos sujeitos de baixa renda estão profundamente relacionados à má qualidade de alimentação se comparado com a alimentação das classes sociais com mais poder aquisitivo. A este respeito, Borges et al. (2015) afirmam:

No Brasil, o consumo alimentar das famílias de baixa renda é caracterizado pela grande presença de cereais, óleos e gorduras, açúcares, carnes gordas e alimentos industrializados, com alta densidade energética, em paralelo ao consumo insuficiente e monótono de hortaliças e frutas (praticamente restrito a tomate, alface, banana e laranja). Além disso, sabe-se ainda que, quando comparadas às famílias brasileiras de classes sociais mais altas, as famílias de menor nível de renda adquirem menos alimentos considerados saudáveis, como grãos integrais, peixes, leites e derivados desnatados, carnes magras e frutas e hortaliças. (BORGES et al., 2015, p. 138)

Interesse em Possuir Hortas nas Residências: Esta variável acentua as falas dos moradores, onde 98% dos entrevistados demonstraram interesse em possuir hortas em suas residências. Porém, alguns apesar do interesse, justificam sua opinião contrária devido à falta de tempo para os cuidados com a horta aliada a falta de espaço suficiente no seu terreno, como as expressões abaixo:

Aqui o quintal é de cimento, como faremos uma horta, pode ser em vaso também? (S8).

Eu queria plantar coentro, cebolinha, pimentão, quiabo, chuchu e couve (S15).

Coentro, cebolinha, couve-flor, plantas para chá (S13).

Ah, eu gostaria, ai se meu quintal fosse grande eu fazia um (horta) bem grande para eu cuidar, tanto gosto de cuida, como é bom você tirar, mas é que os quintal é tão pequeno mulher, que nem nada(S7)

Observa-se que as mensagens ressaltam o problema da falta de espaço, resultado de um plano de governo uniforme e básico, para sanar as demandas de moradia e que, de forma nenhuma, contempla as necessidades e as preferências dos moradores de comunidades de baixa renda. Assinala-se que famílias entrevistadas são residentes de um conjunto habitacional cujas casas foram construídas a partir do *Projeto de Urbanização da Invasão do Bairro Coroa do Meio*, realizado pelo Programa Moradia Cidadã e financiado pelo Programa do Governo Federal Habitar Brasil- BID, inaugurado em 30 de março de 2006. Campos (2005) ressalta a finalidade básica sobre os programas habitacionais sendo estes processos que

buscam resolver os problemas de moradia das famílias de baixa e média rendas por meio do auxílio do Estado

Verifica-se um grande descompasso entre a política habitacional e o ritmo de crescimento da economia urbana e infraestrutural de Aracaju, não somente em termos de abastecimento de água, esgotos, escolas, mas no que diz respeito às atividades produtivas, ou seja, na geração de empregos. De forma geral, o déficit habitacional continua existindo como resultado do modelo econômico concentrador e excludente que, alimentando-se da desigualdade social, da disparidade de renda, dos baixos salários, do desemprego ou subemprego, desloca a população de baixa renda para as áreas periféricas das cidades e impõe a sub-moradia às famílias de baixa renda como recurso último para atender às suas necessidades básicas. (CAMPOS, A. C. 2005, p.220).

*Avaliação dos Trabalhos do Grupo de Pesquisa – A categoria se refere às respostas que avaliaram as atividades que o grupo de pesquisa realiza na comunidade. Estas respostas foram unanimemente positivas. Todos os entrevistados ressaltaram a importância do projeto para a comunidade na perspectiva da melhoria das condições de educação das crianças e do bem estar dos demais moradores. As perguntas abertas permitiram aos sujeitos construir a partir de suas próprias ideias os projetos e atividade que desejam para as crianças moradoras do local. Assim, opinaram sobre as ações e as oficinas realizadas pelo nosso grupo de pesquisa *Desenvolvimento, Saúde e Políticas Coletivas* na comunidade e sobre quais ações gostariam que fossem desenvolvidas:*

É muito importante. Tem que ter uma coisa aqui, para tirar os adolescentes da prostituição e das drogas (S4).

É divertido e as crianças não ficam na rua (S2).

Acho bom para o desenvolvimento das crianças, são coisas que não tem na escola (S17).

Eu queria que aqui tivessem todas atividades, aqui precisa muito para tirar os jovens da rua, uma atividade que eu queria era artesanato (S14).

Eu gosto dessas atividades que vocês desenvolvem, porque tem a coisa dos meninos, que vocês vem e brinca com os meninos e pelo menos incentiva esses guris a sair da rua. O que vem de bom é sempre bem vindo (S7).

Eu gostaria que tivesse atividade de reciclagem, hortas, idiomas, essas atividades é bom, porque tem muita criança na rua, e aprende o que não presta (S15).

Uma opinião muito boa, as crianças não ficam na rua, se fosse o dia todo seria melhor (S5).

Eu gosto da atividade da horta (S16).

Gostaria que tivesse lá coisa de futebol não pode né? É que não tem campo, não tem espaço né, porque ele gosta muito, a outra que ele gosta eu não sei, ele gosta de desenhar (S9).

Escolinha de inglês (S17).

Cinema na praça (S20).

Bordado, costura e pintura (S16).

Aff, meu sonho. Aprender a ler! (S10).

Das famílias que responderam ao questionário 58% conhecem os trabalhos que são desenvolvidos desde 2014 no local pelo grupo de pesquisa e extensão e 37% não conhecem o projeto. Como se pode observar, foram várias as sugestões, dentre elas: cinema na praça, alfabetização, reforço escolar para crianças, oficinas de artesanato, aulas de artes e atividades pedagógicas. Percebe-se uma relação entre as demandas apontadas pelos moradores, na forma de sugestões para serem realizadas pelo grupo de pesquisadores e pelas representações suscitadas por moradores de comunidades de baixa renda.

Temos tido contato com inúmeras e significativas experiências similares a que temos desenvolvido nos nossos projetos de pesquisa e extensão universitária, por exemplo, o realizado em Recife por Dantas et al. (2012), chamado *Cirandas da Vida* que buscou capturar como as comunidades exprimem sua história de luta, mediante as linguagens da arte, a partir da reflexão da gestão em saúde, bem como analisar como as linguagens da arte contribuem para a construção de atos limite como estratégias de superação das situações-limite. Os autores concluíram que a participação das crianças foi reveladora da necessidade de incluí-las nos processos de discussão e transformação da realidade, resguardando aquilo que é próprio do seu momento de vida. Por outro lado, as narrativas juvenis, como a do *hip-hop*, mostraram sua importância como crônica social, despertando o interesse e o respeito dos participantes, e em musicalidade, ritmo e letra expuseram o conteúdo social vivido na comunidade e com uma imagética rica, abordaram a comunidade de modo criativo e situaram o político em todos os espaços da vida da juventude da periferia. Os jovens destacaram as múltiplas dimensões da violência sob a ótica da exclusão social: o não acesso às políticas públicas de saúde, educação, trabalho, moradia; falaram da ausência de oportunidades de profissionalização, do “falseado” acesso à escola, da inexistência de áreas de lazer e da violência policial que geram uma reação em cadeia e ocasionam a organização dos jovens em níveis correspondentes de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere às características sociodemográficas, a idade média dos entrevistados foi trinta e oito anos e a média de anos estudados cinco. De acordo

com os dados, na média de cinco moradores por casa, dois são crianças e três são adultos.

As respostas sobre hábitos alimentares suscitaram 5 categorias: *Representação social de alimentação, Relação entre alimentos preferidos e consumo diário, Consumo semanal de verduras e legumes, Interesse em possuir hortas caseiras e Avaliação dos trabalhos do grupo de pesquisa* que foram unanimemente positivas.

Foi observado que alguns entrevistados definiram o local onde ficam suas residências como um espaço insuficiente para o plantio de hortaliças, enquanto outros manifestaram satisfação com a oportunidade de construir suas hortas a partir de materiais reciclados e revelaram o desejo de promover a saúde dos membros de sua família com base em alimentos isentos de agrotóxicos.

O questionário proporcionou-lhes a oportunidade de refletirem sobre alimentação e as suas demandas alimentares. A investigação favoreceu o estreitamento das relações entre as pesquisadoras e a referida população. A proposta de implantação de hortas caseiras pôde contemplar parte das demandas apontadas pelos entrevistados.

No que se refere às sugestões que os moradores apontaram, para serem realizadas pelo grupo de pesquisa e extensão universitária, nota-se que nessas demandas eles reconhecem o quanto estão marginalizados e fora dos macro sistemas econômicos e sua luta identitária é permeada pelas necessidades básicas de sobrevivência, as quais são reivindicadas em todas as respostas.

O estudo mostrou que os alimentos preferidos (tabela 2, p. 9) não são consumidos pelos entrevistados, devido à sua condição econômica e a base da sua alimentação são produtos com alto teor de gordura. Embora tenham noção do que seja alimentação saudável, eles reconhecem que não têm o hábito de consumi-la.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Vicente F. Noções básicas sobre desenvolvimento local (endógeno emancipatório). Campo Grande, 2011. Disponível em: <http://www.desenvolvimentolocalvfa.com.br/?paged=3>. Acesso em: 31 maio de 2016.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições, 70. 1977.

BORGES, Camila A.; CLARO, Rafael M.; MARTINS, Ana P. B.; VILLAR, Betzabeth S. Quanto custa para as famílias de baixa renda obterem uma dieta saudável no Brasil. Cadernos de Saúde Pública (Online). v. 31, n. 1, p. 137-148, issn: 16784464, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v31n1/0102-311X-csp-31-01-00137.pdf>. Acesso em: 31 maio de 2016.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei Nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/conferencia/documentos/lei-de-seguranca-alimentar-e-nutricional>. Acesso em: 02 maio 2016.

BRANCALEONE, Cassio. Comunidade, Sociedade e Sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies.

Revista de Ciências Sociais, v. 39, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v39n2/rcs_v39n2a7.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2017.

CAMPOS, Antonio. C. O Estado e o Urbano: os programas de construção de conjuntos habitacionais em Aracaju. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, n. 34, p. 199-222, 2005. Disponível em: <<http://www.ihgse.org.br/revistas/34.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2014.

CAMPOS, Regina H. F. Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1996.

CARNEIRO, Henrique. Comida e Sociedade: uma história da alimentação. 7ª edição. Rio de Janeiro, 2003.

CORRÊA-CUNHA, Elza F.; MELO Amanda S.; MILITÃO, Sâmara B. Caracterização Sociodemográfica das Famílias de uma Comunidade de Baixa Renda. In: VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”. Anais, São Cristóvão/SE. 2014. Disponível em: <http://educonse.com.br/viiiocoloquio/>. Acesso em 27 maio 2016.

_____. Representação Social de Comunidade e Elementos de Autoidentidade para Moradoras de Conjunto Habitacional Popular. Revista Interfaces Humanas e Sociais, v. 6 n. 3, p. 145-154, 2018. Acesso em: 04 jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/4465/2902>

DANTAS, Vera L. A. LINHARES, Ângela M. B; SILVA, Elias J. ; LIMA, Raimundo F.; SILVA, Maria R. F.; ANDRADE, Luiz O.M. Cirandas da Vida: dialogismo e arte na gestão em saúde. Saúde Soc. São Paulo, v.21, supl.1, p.46-58, 2012.

IDDS - INTERNACIONAL DESIGN PARA DESENVOLVIMENTO SOCIAL http://www.usp.br/agen/wp-content/uploads/IDDS_manual-de-hortas-verticais_julho-2012.pdf. 2012

LEFF, Enrique. La geopolítica de la biodiversidad y el desarrollo sustentable: economización del mundo, racionalidad ambiental y reapropiación social de la naturaleza. In: Ceceña, A.E. & Sader, E. (orgs). La guerra infinita – hegemonía y terror mundial. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

MACHADO, Altair T.; Machado, Cynthia T. Agricultura Urbana. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002. Disponível em: http://bbeletronica.cpac.embrapa.br/2002/doc/doc_48.pdf. Acesso em: 01 junho 2016.

NASCIUTTI, Jaciara. O hífen da pesquisa-ação: traço de união entre saber e fazer. IN:

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: O fenômeno, o conceito e a teoria geral. Estudos de Psicologia Social. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp. 183–208, 2015.

SILVA, Jose G. A agricultura contra a fome. In: BETO, Frei, Fome Zero: Textos fundamentais. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

SILVA, Ronalda B. Educação Comunitária: além do Estado e do Mercado. Brasil, 2003.

SOUZA, Maria L. Desenvolvimento de Comunidade e Participação. 4ª edição. São Paulo, 1993. THIOULET, Metodologia da pesquisa-ação. Anais do 1º Congresso Brasileiro de Psicologia da Comunidade de Trabalho Social, tomo II. Belo Horizonte, 1992.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME - Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias. Coordenador Substituto do Curso de Pedagogia. Representante Docente no Conselho Diretor. Membro do Comitê Interno de Assessoramento do Programa Institucional de Iniciação Científica/UFT. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia” e membro do Grupo “Laboratório de Formação de professores e práticas dialógicas na Educação- Lapedi - UFT”. Tem Pós-Doutorado em Educação, 2018 (FACED/UFU). Doutor em Educação, 2016 (UNESP/Marília). Mestre em Educação, 2010 (FACED/UFU). Graduado em História, 2007, Bacharelado e Licenciatura (UFU), Bolsista IC/CNPq (08/2004 a 08/2007) integrando ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação (NEPHE/FACED/ UFU). Graduado em Pedagogia, 2013, Licenciatura, pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Durante o mestrado, foi bolsista CAPES; Secretário da Revista Cadernos de História da Educação (NEPHE/FACED/UFU); representante Discente no Conselho da Faculdade de Educação (CONFACED); representante Discente nos Conselhos Superiores: CONSUN (Conselho Universitário) e CONPEP (Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação); membro do CONAD (Conselho de Administração do Hospital de Clínicas da UFU); membro da CPAUFU (Comissão Própria de Avaliação da Universidade Federal de Uberlândia); membro da Comissão de Revisão do Estatuto e do Regimento Geral da UFU; eleito Coordenador Geral da APG-UFU (Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia) biênio 2008/2009. Desenvolve pesquisa na busca, identificação e catalogação de fontes primárias para a História da Educação como jornais, periódicos, atas, imprensa, leis, relatos, levantamento de acervos públicos e particulares, entre outros, tendo como foco a História Local e a História das Instituições Escolares, assim como efetiva participação em cursos de Especialização (lato sensu) voltados para a formação de professores com foco na gestão, organização, planejamento, orientação e avaliação na Educação Básica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 61, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 113, 174, 283, 284, 335

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 23, 44, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 64, 68, 71, 97, 102, 106, 107, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 136, 141, 145, 161, 162, 166, 168, 172, 173, 177, 178, 179, 181, 182, 189, 195, 196, 198, 205, 222, 223, 230, 232, 241, 259, 262, 263, 268, 269, 275, 319, 338, 343, 348, 349, 358

C

Cidadania 28, 29, 38, 59, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 91, 93, 101, 135, 142, 143, 163, 188, 227, 229, 230, 262, 275, 283, 345, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361

Conceitos Vygotskyanos 1, 4

Consumo 94, 99, 100, 101, 103, 104, 295, 299, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 315, 320, 324, 325, 328, 330, 331, 332, 333, 336, 354, 359

Crianças 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 43, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 106, 107, 108, 109, 110, 114, 123, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 163, 164, 165, 166, 173, 175, 176, 177, 180, 181, 210, 217, 218, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 239, 240, 261, 265, 266, 275, 276, 280, 293, 295, 325, 328, 334, 335, 336, 342, 344, 345, 346, 347, 348

Cultura Surda 184, 190, 191, 192

D

Direitos Humanos 62, 67, 72, 73, 74, 82, 84, 85, 91, 114, 121, 143, 207, 340, 341, 347, 350, 351, 352, 354, 356, 359, 361, 362

Doutores Surdos 184, 187, 188, 190

E

Educação Brasileira 66, 73, 77, 104, 187, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 218, 219, 363

Educação de surdos 37, 39, 51, 189, 190, 191, 193

Educação do campo 159, 167, 168, 169, 170, 232

Educação e Sociedade 207

Educação Especial 12, 13, 14, 23, 35, 112, 114, 117, 118, 119, 121, 124, 126, 133, 173, 180, 182, 191, 192

Educação infantil 66, 67, 73, 75, 77, 78, 81, 84, 123, 124, 126, 127, 132, 133, 170, 182

Educando 19, 53, 54, 57, 58, 60, 89, 93, 94, 95, 223, 225, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245

Ensino de Matemática 172, 176, 183

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 7, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 33, 34, 35, 39, 45, 48, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 68, 69, 70, 71, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87,

88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 129, 133, 144, 147, 150, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 177, 179, 180, 184, 189, 194, 196, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 277, 289, 334, 335, 339, 343, 344, 348, 358

Escrita 4, 7, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 57, 86, 87, 88, 179, 180, 185, 186, 189, 191, 201, 234, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291

F

Família 25, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 38, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 69, 72, 90, 96, 100, 107, 108, 110, 116, 121, 124, 125, 127, 133, 141, 146, 196, 201, 204, 210, 216, 267, 273, 292, 293, 294, 295, 297, 302, 303, 326, 333, 336, 342, 357, 358

G

Gênero 16, 26, 30, 36, 67, 86, 89, 142, 165, 207, 247, 250, 285

H

História da Educação 37, 103, 104, 189, 207, 208, 219, 363

Humanização 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 92, 227, 235, 347

I

Inclusão 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 22, 23, 45, 46, 49, 68, 70, 71, 73, 85, 91, 93, 106, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 132, 133, 137, 172, 173, 176, 177, 181, 182, 183, 200, 202, 227, 229, 306, 317, 327, 356

Inclusão Escolar 1, 13, 14, 106, 116, 125

J

Jogo 8, 9, 58, 91, 95, 101, 103, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 210, 212, 225, 229, 238, 243, 245

L

Libras 18, 39, 40, 46, 49, 51, 53, 120, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 191

Língua de sinais 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 173, 174, 175, 176, 177, 181, 182, 189, 190, 191, 192

Linguagem 1, 4, 5, 6, 7, 11, 22, 24, 27, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 61, 64, 87, 88, 89, 93, 106, 108, 109, 175, 176, 177, 179, 185, 190, 193, 221, 222, 225, 266, 279, 280, 282, 283, 286, 288, 289, 290, 295, 302, 325

Língua Portuguesa 37, 43, 44, 45, 46, 48, 50, 51, 88, 178, 179, 180, 184, 185, 191, 258, 259, 279, 281, 285, 288, 289

M

Mediação Pedagógica 123

Movimentos Sociais 159, 160, 166, 167, 168, 170, 171, 353, 356, 362

O

Oficinas/Vivências 194, 199

P

Pessoas com albinismo 73, 75, 76, 80, 81, 82, 84, 85

Poder 9, 25, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 42, 65, 68, 70, 75, 79, 80, 84, 91, 95, 99, 101, 102, 103, 114, 121, 140, 159, 161, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 189, 212, 217, 227, 229, 235, 238, 239, 267, 280, 281, 282, 284, 286, 288, 294, 296, 301, 307, 313, 316, 331, 333, 341, 342, 343, 345, 347, 351, 352, 353, 356, 357

Políticas públicas 13, 14, 27, 29, 31, 32, 33, 43, 67, 73, 74, 75, 77, 81, 83, 84, 85, 104, 135, 139, 160, 169, 172, 220, 229, 231, 232, 258, 296, 331, 335, 338, 339, 341, 342, 343, 345, 346, 347, 360

Prevenção 30, 31, 32, 34, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 157, 168, 295, 322, 358

Psicologia Escolar/Educacional 194, 195, 196, 197, 205, 206

Psicologia Histórico-Cultural 12, 14, 21, 23

R

Reprodução Cultural 207, 208, 210, 211, 218

S

Serviço Social 62, 67, 68, 70, 71, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 223, 288

Sexualidade 86, 90, 92, 93, 145, 148

Surdez 38, 45, 48, 51, 173, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 191, 192, 193

T

Tecnologia 9, 53, 56, 112, 118, 119, 120, 121, 158, 249, 267, 290, 321, 328

Teoria da Reprodução Cultural 207, 208

Teoria Sócio-Histórica 194

V

Violência Intrafamiliar 25, 26, 27, 28, 33, 34, 35

Violência Sexual Infantil 145, 147, 148, 152, 156, 157

